

## **Marathon - Notas sobre a representação do esporte moderno**

Allyson Carvalho de Araújo

Maria Aparecida Dias

Breno Guilherme de Araújo Tinoco Cabral\*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### **Ficha Técnica**

Produção: Iber Group. S. A., Ovidedo TV. S. A. RTVE.

Ano: 1993

País: Espanha

Direção: Carlos Saura.

Sinopse: Filme oficial dos XXV Jogos Olímpicos, realizado na cidade de Barcelona em 1992. Agrega imagens das cerimônias de abertura e encerramento do evento além da distupa de várias modalidades olímpicas, com destaque para o atletismo, sobretudo a maratona masculina.

O contexto da cidade de Barcelona como sede das Olimpíadas de 1992 já contava com uma primeira tentativa, frustrada, para sediar os jogos de 1924. Dentre outros motivos, este fato corroborou com uma necessidade de propagação de uma imagem esportiva da cidade.

Este movimento deflagrado para afirmar-se como cidade sede dos XXV Jogos Olímpicos possibilita apontarmos Barcelona'92 como um dos pontos históricos mais emblemáticos para o entrelaçamento entre esporte e meios de comunicação na história recente. Um belo fato para exemplificar esta afirmação é amplitude da cobertura televisiva em dimensão internacional que pouco lembrava as primeiras coberturas em Tv à cores, nos XVIII Jogos Olímpicos, em Tóquio no ano de 1964.

---

\* **Allyson Carvalho de Araújo:** Mestre em Educação (UFRN) e doutorando em Comunicação (UFPE). Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC) e do Laboratório Visibilidades do Corpo e da Cultura de Movimento (VER). E-mail: [allyssoncarvalho@hotmail.com](mailto:allyssoncarvalho@hotmail.com). **Maria Aparecida Dias.** Mestre e Doutora em Educação (UFRN). Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC). E-mail: [cidaufnr@gmail.com](mailto:cidaufnr@gmail.com). **Breno Guilherme de Araújo Tinoco Cabral.** Mestre em Ciências da Saúde (UFRN) e doutorando em Ciências do Desporto (UTAD/PT). Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Laboratório de Biociências e da Motricidade Humana (LABIMH).

No entanto, a produção audiovisual sobre este evento não se restringia à transmissão televisiva. Segundo os registros de Ramió (2003) sobre a produção audiovisual espanhola, contabiliza-se 24 vídeos com conteúdos publicitários, televisivos ou documentais para registro do XXV Jogos Olímpicos, além de 2 filmes documentais diretamente ligados aos Jogos Olímpicos de 1992.

Dentre os filmes, o primeiro deles é a produção de Jordi Feliu intitulada de *Subseus Olímpiques '92* (1992), já o segundo é o famoso *Marathon* (1993), de Carlos Saura, ambos fruto da montagem do material coletado na celebração do Jogos Olímpicos. As duas produções destacadas acompanham uma tradição da cinematografia internacional que tem início em 1932, com o primeiro documentário sobre Jogos Olímpicos em Los Angeles (DACOSTA, 2005).

Durante e após os Jogos Olímpicos de Barcelona, muitos foram os registros das performances esportivas, dos enredos de superação e das possibilidades de relacionar o esporte com cenas cotidianas e culturais. Mas nenhum teve mais repercussão do que a película oficial dos Jogos Olímpicos de Barcelona, intitulada “Marathon”. O filme, que tem a prova da maratona como metáfora para representar os Jogos Olímpicos, faz de forma explícita referência à dureza da prova e o esforço dos competidores.

Esta produção teve repercussão mundial, ocupando inclusive espaço em festivais de cinema, como o Festival Cine y Deporte de Sevilla. O referido festival que contou com 3 edições de periodicidade anual (de 2001 a 2003) teve ampla repercussão por sua diversidade de produções e brindou o público com *Marathon* em sua primeira versão, dentro de uma mostra temática de documentais sobre os Jogos Olímpicos.

*Marathon*, produzido em 35mm e com duração de 90 minutos, sempre foi alvo de inúmeras críticas. Carlos Saura, diretor desta produção, apesar de boa aceitação internacional é, acusado de fazer uma compilação e/ou montagem do largo material coletado em toda

## Olimpíada sem ter um roteiro prévio.

Com uma dura crítica à produção, Tharrats (2001) assim define o filme.

Ello se llevó a un documento manido, obsoleto y lo que es peor: ni televisivo, ni cinematográfico ... El cine no es tan solo un arte de imágenes, sino también y sobretodode sensaciones y emociones. El Film de Saura no hace pensar, n vibrar, ni reír, ni llorar, ni sorprender, ni desear un mundo más igual, más justo, más acorde al ideal olimpico. Solo plasma una fiesta. (THARRATS, 2001: 301-302)

É necessário dizer, no entanto, que nem todos os apontamentos sobre Marathon destacam suas lacunas. Autores como Damata (2005: 100) apontam a obra de Saura como indícios das possibilidades de “experimentações estéticas nos documentários oficiais”. Contudo, a crítica que remete-se corriqueiramente ao filme (RAMIÓ, 2003; THARRATS, 2001) considera a possibilidade de Carlos Saura não ter tido a liberdade necessária para criação e concepção da obra, apontando que Hugh Hudson (Diretor de *Carruagens de Fogo* - 1981) teria sido convidado para responsabilizar-se pela produção, abandonando o projeto semanas antes do evento.

Suspendendo as críticas a cerca da concepção, produção e montagem do texto filmico, o filme de Saura aponta para uma representação prototípica do esporte moderno. Como documento imagético de um evento esportivo exemplar para os demais, *Marathon* cumpre o papel de firmar os valores modernos que aderiram ao esporte a mais de um século atrás.

Desde o princípio a película fornece indícios da transposição do ideal olímpico grego com elementos dos valores modernos. Exemplos disso é o registro da representação da lenda de Hércules na cerimônia de abertura dos jogos seguida do desfile dos atletas, favorecendo leitura da representação da formação dos estados-nação.

Os esportes sequenciam-se entre treinamentos e competições, mas a ênfase apresentada à Maratona masculina apresenta-se em sete momentos distintos durante o filme, perfazendo como uma gradação do esforço e da resistência destes homens-atletas durante os mais de 42 km de percurso.

As demais provas de atletimo também merecem destaque na película (ALFARO et al,

2001). Provas como 100 metros rasos (masculino e feminino), salto em altura (masculino e feminino), lançamentos de disco (feminino) e lançamento de peso (masculino), dentre outros, reforçavam a lógica moderna de quantificação de resultados e consequente busca por recordes.

Por oportuno a prova do 4X400 metros masculina, em que a equipe do E.U.A. conquista o ouro frente a equipe de Cuba, exemplifica claramente a referida quantificação de resultados citada. As cenas que se intervalam oportunizam ora a comemoração enfática dos atletas, ora o painel do estádio que aponta o novo record mundial da prova, com 2 minutos, 55 segundos e 74 centésimos. Outra possibilidade de apreciação é a vitória, também do E.U.A., na prova do 4X100 masculino que resulta em novo record mundial com o tempo de 37 segundos e 40 centésimos.

Estas cenas, ao nosso olhar, longe de apenas apontarem para apenas registros documentais, são senhas de afirmação da lógica esportiva. Portanto é importante afirmar que a quantificação do resultado ganha destaque na obra de Carlos Saura.

Ao documentar os Jogos Olímpicos, a película de Saura reforça a lógica quantitativa, tão cara ao projeto do esporte moderno, destacando os recordes, marcas e tempos dos atletas. Além disto, o texto filmico, anuncia repetitivamente a glória dos vitoriosos com uma trilha sonora intencionalmente pensada para o triunfo, bem como promete o prolongamento destes momentos da vitória e da glória com efeitos de câmeras lentas, dramatizando ainda mais o típico enredo esportivo, em que sofrimento justifica a vitória. Esta estética esportiva valoriza elementos modernos porque coaduna com o esquadramento do corpo do atleta para o rendimento máximo.

Além da quantificação do resultado e busca por recordes, *Marathon* oportuniza visualizar outro elemento característico do esporte moderno, a comparação objetiva ou igualdade de oportunidades e de condições de confronto. Cenas como as da competições de

halterofilismo são emblemáticas para pensar esta característica. Um a um, os atletas se dispõem a superar a marca de seus adversários. Separados em categoria por peso, julga-se que a igualdade de condições é condição ideal para perceber que tem o mérito de alcançar maior marca de levantamento de peso. Na cena destacada em *Marathon*, um atleta asiático persegue a marca do Búlgaro Ivan Ivanov sem perceber-se em seus limites. Para a lógica da comparação objetiva no esporte moderno, indistintamente, os limites corporais individuais não são postos em questão, desde que oportunizada condições iguais. Busca-se não comparar um atleta com outro, mas antes uma marca com tentativas de superação desta.

O regramento do esporte, ou a sua burocratização de organização, não oportuniza uma superação de si mesmo, mas sim da marca alcançada pelo outro. Em *Marathon* pode-se resgatar uma cena emblemática desta compreensão ao apontar o espaço e tempo entre o ultimo obstáculo dos 100m com barreiras feminino e a linha de chegada. Esta prova tinha a Norte Americana Gail Devers como primeira colocada, confirmando seu favoritismo, até o ultimo obstáculo. Ao esbarrar no obstáculo a atleta perde o equilíbrio e alcança à linha de chegada rolando em uma queda que lhe oferta apenas o 5º lugar. Na película, os planos que se intervalam apontam invariavelmente a queda da atleta favorita, em contraponto à comemoração da atleta grega campeã (Paraskevi Patoulidou). O deslize de uma atleta, oferta não somente a falta de precisão de uma competidora, mas descortina a glória e mérito de outra.

Para buscar uma desempenho sempre maior, o esporte propõe como mais uma de suas características, a racionalização e cientificização do treinamento, cada vez mais evidenciados nos dias de hoje. Várias cenas de treinamento de boxe e ginástica olímpica na película de Saura demonstram o quanto a busca pela perfeição ou intensidade do técnica do esporte também fazem parte da lógica olímpica. Nestas cenas ainda é possível perceber a lógica da especialização dos papeis do atletas (Ex: ginastas por aparelho) e dos demais sujeitos

envolvidos no esporte odierno (massagista, técnico, preparador físico), tudo para garantir uma melhor eficácia durante o espetáculo esportivo.

De certo, na película de Sausa, não há prova mais aclamada do que a Maratona. Em todos os momentos oportunos para revisitar a prova, intensificava-se a persistência fadigante dos atletas. Cada vez mais exaustos estes, aos poucos, se distanciam até o ato final da prova. A subida ao Montjuich é palco dos momentos mais dramatizados. Ao som de “El Cant del Ocells” o atleta Coreano, Young Cho-Hwang, vence o cansaço e a gravidade ao subir com vigor os ultimo 3.000 metros. A chegada é tranquila no que se refere à competitividade, mas cheia de emoção no que se refere ao contentamento de cada atleta que finaliza a prova.

Observa-se na película que significar o esporte é, quase sempre, partir de um enredo que hiper-valoriza o espetáculo do corpo, enquanto sacrifício, como louvor à vitória, atualizando o ideal olímpico: *Citius, Altius, Fortius*.

O corpo representado espetacularmente em seu sacrifício de produtividade competitiva do esporte potencializa a sensibilidade do corpo do espectador que projeta sua identificação com a narrativa quase sempre gloriosa do atleta em ação.

Mesmo não sendo referência enquanto produção cinematográfica, *Marathon* é sem dúvida emblemática para representar o esporte moderno e sua afirmação quase um século após a sua configuração inicial. Com fragilidades no roteiro e forçado a trabalhar com material coletado de forma avulsa para a montagem e edição, a grandeza do filme não está em sua produção, mas antes em sua capacidade de registrar, afirmar e repressetar os indicadores que configuram o esporte moderno.

### **Referências Bibliográficas**

ALFARO, Auxiliadora; Et al. 2001. *Interés: Marathon y Comment j'ai tué mon père*. In: *Diário del Festival de Sevilla Cine y Deporte*. Ano 01. Nº 07, p.17.

DACOSTA, Lamartine Pereira. 2005. *Jogos Olímpicos e cidade – Marathon*, Filme oficial dos Jogos Olímpicos de Barcelona. In: MELO, Victor Andrade; PERES, Fábio de Faria (Orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional.

RAMIÓ, Joaquim R. 2003. *Presencia del deporte en el cine español: una primera aproximación, un primer inventario*. Sevilla: Fundación Andalucía Olímpica y Consejo Superior de Deportes.

THARRATS, Juan Gabriel. 2001. *De Atenas a Sidney: el cine y la televisión en los Juegos de verano*. Sevilla: Fundación Andalucía Olímpica y Consejo Superior de Deportes